

G. PORTOCARRERO DE ALMADA

UM TESOURO PARA TODA A IGREJA

No passado dia 17 de Maio, o Papa João Paulo II procedeu à solene beatificação de Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer, Fundador do Opus Dei, e da Irmã Josefina Bakhita, das religiosas canossianas. Desse acontecimento de profunda transcendência eclesial se dá conta na presente crónica.

Uma profecia de Paulo VI

Roma, 25 de Junho de 1973: o Papa Paulo VI recebe em audiência Mons. Escrivá de Balaguer. Como fazia nestas circunstâncias, o Fundador do Opus Dei procurou animar o Santo Padre com o relato de algumas actividades apostólicas promovidas por pessoas da Obra. Paulo VI ouvia com atenção aquele amigo de longa data — tinham sido do então Mons. Montini as primeiras palavras de apreço que o Fundador do Opus Dei ouviu na Cúria — e, de vez em quando, interrompia o relato para proferir palavras de satisfação e de louvor a Deus. A dado momento, Paulo VI ousou mesmo dizer:

— «O senhor é um santo!»

Mons. Escrivá ficou profundamente perturbado e encheu-se de vergonha e de contrição pelos seus próprios pecados e atreveu-se a responder:

— «Não, não! Vossa Santidade não me conhece, eu sou um padre pecador».

Paulo VI, no entanto, não se deu por convencido e reiterou as suas anteriores palavras, que encontraram nova e respeitosa réplica do Fundador do Opus Dei:

— «Na terra só há um santo: o Santo Padre».

São decorridos quase vinte anos e as mesmas palavras que Paulo VI proferiu na intimidade daquele encontro foram proclamadas solenemente pelo seu sucessor, o Papa João Paulo II. Já não pertencem ao âmbito privado nem gozam apenas do respeito que a todos os crentes inspira a opinião de um Romano Pontífice. Agora, é a própria Igreja — o Papa e os Bispos a ele unidos, sacerdotes, religiosos e

leigos — que apresenta ao mundo como exemplo sublime da sua própria fé a vida santa do Bem-aventurado Josemaria. São todos os fiéis que recebem da sua Mãe, a Igreja, este tesouro que a cada qual cumpre fazer render na sua própria existência, como ponto de referência no seu caminho para Deus.

Em Março de 1976, já falecido Mons. Escrivá de Balaguer, o Santo Padre recebeu o seu sucessor à frente da Obra, o actual Bispo Prelado, Mons. Alvaro del Portillo. Nessa longa conversa, que teve mais de encontro familiar do que de audiência formal, o Papa reiterou que considerava Mons. Escrivá um grande santo, por ter sido um dos homens que mais graças de Deus recebeu na história da Igreja e que tinha correspondido com maior generosidade. A propósito, Mons. del Portillo referiu alguns factos que evidenciavam a santidade de vida do Fundador e Paulo VI atalhou de imediato:

— «Escreveram tudo isso? Isto é um tesouro, não apenas para o Opus Dei mas para toda a Igreja! Tudo o que se refere ao Fundador, aos seus ensinamentos escritos ou vividos, aos acontecimentos da sua vida, já não é pertença apenas do Opus Dei, forma parte da história da Igreja!».

Um longo caminho para os altares

A tão segura convicção do Vigário de Cristo sobre a santidade de Mons. Escrivá de Balaguer não significou, no entanto, a imediata abertura do respectivo processo de beatificação, apenas iniciado vários anos após o falecimento de Paulo VI. A postulação optou por seguir em tudo os trâmites da praxe e não precipitar em nenhum momento uma conclusão que, para o maior bem da Igreja, deveria surgir apenas como coroamento final de um longo estudo, de aturada e exaustiva investigação de prós e contras, de um atento exame de toda a vida e extensa obra do candidato aos altares. Tal análise, ainda que excessivamente trabalhosa pela quantidade ingente da documentação apresentada, resultou de uma extraordinária utilidade, na medida em que fundamentou até à saciedade o pedido de beatificação que 69 cardeais, 241 arcebispos, 987 bispos (mais de um terço do episcopado mundial), 41 Superiores-Gerais de ordens e congregações religiosas e muitos milhares de leigos tinham, a seu tempo, feito chegar ao Papa.

É certo que o rigor alcançado prejudicou de algum modo o ritmo da causa — especialistas em Direito Canónico consideram que, com a legislação vigente, o processo poderia ter sido bastante mais breve — mas teve a inegável virtude de ressaltar, ainda mais, a riqueza teológica e pastoral da figura do Fundador do Opus Dei. Contribuiu ainda para pôr em evidência que a fama de santidade de Mons. Escrivá não apenas constitui um genuíno fenómeno de autêntica devoção popular — como reconheceu a Santa Sé em 1990, ao decretar a heroicidade das suas virtudes — mas também uma impressionante manifestação de unanimidade eclesial, de convergência de fiéis e pastores na comunhão com Pedro na Igreja de Cristo.

Como não podia deixar de ser, não faltaram também alguns «advogados do diabo» nesta causa de beatificação. Seria despropositado reproduzir aqui essas

alegações que, tidas na devida conta pela autoridade competente, não prosperaram. Mas vem a propósito citar o comentário de um pensador cristão independente, não vinculado ao Opus Dei, sobre a polémica que alguns quiseram montar sobre este processo: «Também temos que dizer — escreveu Giulio Andreotti, Primeiro Ministro italiano — porque é que há tanta polémica em torno a esta beatificação. Se alguém faz pouco e mal, não é criticado porque não incomoda a ninguém. Neste caso, estamos ante uma realidade de dimensão mundial, com uma enorme difusão e, por isso, esta nova fórmula não poderia deixar de provocar reacções. E não só no campo hostil mas também no próprio, porque às vezes se recorda, justamente, que a perseguição não vem só dos 'maus', mas também dos bons. Permito-me comparar este fenómeno com os vulcões. Um vulcão considera-se mau se todos os dias lança lava e origina incêndios e bom se está tranquilo. Mas quando o vulcão bom está silencioso mil anos, no dia em que explode produz Herculano e Pompeia. Assim é a 'maldade' dos bons quando se concentra em poucas coisas».

Um bem para toda a Igreja

«O motivo principal da nossa alegria e da nossa gratidão a Deus e a Vossa Santidade pela beatificação do nosso amadíssimo Fundador é precisamente o grande bem que de tal evento decorrerá não só para o Opus Dei mas também para toda a Igreja» — afirmou, de modo expressivo, o Prelado do Opus Dei. Na sua resposta, o Santo Padre confirmou o alcance verdadeiramente eclesial da beatificação do Fundador do Opus Dei: «Vós estais cheios de alegria pela beatificação de Josemaria Escrivá de Balaguer, porque estais seguros de que a sua elevação aos altares, como há instantes disse o Prelado do Opus Dei, produzirá um enorme bem para a Igreja. Também eu faço minha essa convicção». É quanto basta para provar cumprida a voz profética de Paulo VI, que vira já na vida e nos ensinamentos de Mons. Escrivá «um tesouro, não apenas para o Opus Dei, mas para toda a Igreja».

A atestar a justeza destas considerações, trezentos mil peregrinos — são as cifras do *Osservatore Romano*, bem mais experiente na matéria do que outros órgãos de informação — encheram por completo a Praça de São Pedro e parte da Via della Conciliazione, no dia 17 de Maio, para participar na cerimónia em que foram beatificados o Fundador do Opus Dei e a religiosa canossiana Josefina Bakhita. Com o Santo Padre, concelebraram o Cardeal Camillo Ruini, Vigário para a diocese de Roma, onde viveu muitos anos e viria a falecer Mons. Escrivá; o Cardeal Angel Suquia, Arcebispo de Madrid e Presidente da Conferência Episcopal Espanhola; o Arcebispo de Saragoça e ainda o Bispo de Barbastro, de onde era natural o novo Beato. Pela parte da nova Bem-aventurada, concelebraram o Cardeal Laureau Rugambwa, Arcebispo de Dar-es-Salaam, o Bispo de Vicenza, o Pró-Núncio Apostólico do Sudão e o Superior-Geral das Canossianas, entre outros. De notar ainda a presença de trinta e cinco purpurados, entre os quais o Cardeal Secretário de Estado, e de numerosa representação do episcopado, com especial

incidência para os bispos espanhóis e latino-americanos. Também a Igreja portuguesa se fez representar de modo significativo através dos Bispos de Viana do Castelo, D. Armindo Lopes Coelho; de Leiria-Fátima, D. Alberto Cosme do Amaral; Auxiliar do Patriarcado, D. António dos Reis Rodrigues; e ainda D. Manuel Monteiro de Castro, Núncio em El Salvador, e Mons. Saraiva Martins, secretário de uma congregação vaticana. Perto de oitocentos presbíteros estiveram também presentes. Um grupo coral de 473 vozes participou activamente na celebração.

A «catolicidade» de um carisma

Chamativa foi a serena e sentida participação dos milhares de fiéis congregados na Praça de São Pedro, que puderam viver a solene concelebração de forma empenhada, graças à tradução simultânea por auscultadores e ao texto que a cada participante foi entregue com os cânticos e orações. A diversidade dos assistentes viu-se assim irmanada numa só voz de louvor a Deus, expressiva de uma mesma fé, de uma mesma comunhão eclesial.

De destacar ainda a presença de inúmeras individualidades, como o Presidente do Conselho de Ministros de Itália, Giulio Andreotti; os ex-Presidentes da Colômbia, Betancourt, e da Venezuela, Caldera; a filha da Presidente da Nicarágua, etc. Entre os portugueses destacavam-se o Senhor D. Duarte, Duque de Bragança, o ex-Presidente da República, General Ramalho Eanes, o Presidente do Governo Regional dos Açores, Dr. Mota Amaral; o ex-Presidente da Assembleia da República, Dr. Oliveira Dias; e o deputado europeu Prof. Dr. Lucas Pires. Uma mostra já de si significativa da universalidade de um carisma que abrange amplos sectores da sociedade civil, sem se confundir com nenhum regime, partido ou opção política ou temporal.

Na sua homilia, já depois de beatificados os dois Servos de Deus, João Paulo II referiu sucintamente as biografias dos dois novos beatos da Igreja Católica, cujas efigies tinham entretanto sido descerradas na fachada exterior da Basílica de São Pedro. «Duas vidas muito diferentes — lê-se no *Osservatore Romano* — que se encontraram nos corações de centenas de milhares de pessoas que, na manhã do dia 17 de Maio, se juntaram na Praça de São Pedro Josemaria Escrivá de Balaguer e Josefina Bakhita, ainda que percorrendo itinerários radicalmente diferentes, caminharam juntos pelas sendas da santidade. 'O seu encontro — disse João Paulo II no termo da solene celebração eucarística para a beatificação destes dois extraordinários cristãos — diz muito ao mundo inteiro e à Igreja'. Nos dois novos Beatos, com efeito, se reflecte a multiplicidade de carismas que tanto enriquece a comunidade católica mundial».

A bem dizer, não apenas um acontecimento de âmbito eclesial. Com efeito, também participaram na beatificação não-católicos e não-crentes, como, por exemplo, uma comunidade luterana proveniente da Áustria que se quis associar à elevação aos altares do Fundador do Opus Dei. Como é sabido, esta instituição da Igreja é pioneira na prática do ecumenismo, tendo sido de facto a primeira a receber como cooperadores pessoas não católicas e até mesmo não cristãs.

18 de Maio: uma jornada festiva

No dia seguinte à beatificação, o Santo Padre quis receber por separado os peregrinos dos novos Beatos.

Em primeiro lugar, recebeu numa sala do Vaticano os devotos da Bem-aventurada Josefina, e dirigiu as habituais felicitações às Irmãs Canossianas e a quantos as acompanharam nesta hora de júbilo pela glorificação de uma filha espiritual de Santa Madalena de Canossa. «Elevada agora aos altares — disse nessa ocasião o Santo Padre — e posta como exemplo para toda a Igreja, a Beata Josefina Bakhita, na sua humildade e no seu total abandono a Deus, nos ensina não apenas a trabalhar e a rezar, mas principalmente a *confiar*».

Entretanto, celebrava-se na Praça de São Pedro a Missa em honra do novo Beato Josemaria, presidida pelo Bispo Prelado do Opus Dei, Mons. Alvaro del Portillo, e concelebrada pelos seus vigários em todos os países em que esta prelatura pessoal desenvolve o seu apostolado. Concluída a celebração, com uma assistência que rondava os duzentos e setenta mil participantes, o Santo Padre desceu à Praça de São Pedro para se encontrar com aquela multidão de peregrinos. Como é sabido, ocorria nessa data — 18 de Maio — o aniversário natalício de João Paulo II, pelo que, logo que o Papa começou a percorrer o recinto em carro aberto, se fizeram ouvir canções de parabéns em diversas línguas, nomeadamente em polaco e inglês.

Depois do Papa ter ocupado a sua sede frente ao altar campal, o Prelado do Opus Dei saudou-o em nome de todos os peregrinos e também do grupo muito mais numeroso dos ausentes, que no entanto estavam espiritualmente presentes e unidos ao Prelado da Obra e aos milhares de membros do Opus Dei que, naquele momento, testemunhavam de forma tão festiva a sua fiel adesão e filial afecto ao Romano Pontífice.

Respondendo a Mons. del Portillo, o Santo Padre disse: «A beatificação de Josemaria Escrivá de Balaguer oferece-me a ocasião para este gozoso encontro com todos vós, queridos sacerdotes e leigos, que, em grande número, peregrinastes a Roma para participar nesta sentida manifestação de fé e de comunhão eclesial». Na sua alocução em italiano, espanhol, francês e inglês, o Papa recordou ainda alguns aspectos da doutrina ensinada e vivida pelo Fundador do Opus Dei e encareceu os presentes à fidelidade aos ensinamentos do novo Beato, na perspectiva de uma nova evangelização.

Duas notas ainda da multitudinária audiência pontifícia: a universalidade dos participantes — encontravam-se presentes fiéis de cinquenta e quatro nacionalidades — e a garrida participação de milhares de jovens.

Um tríduo de acção de graças

Nos três dias consecutivos — 19, 20 e 21 de Maio — celebraram-se ainda vinte e uma Eucaristias em diversas línguas para os grupos de peregrinos que se deslocaram a Roma para a beatificação de Mons. Escrivá de Balaguer. Entre outros,

presidiram os seguintes cardeais: Angelo Sodano, Joseph Ratzinger, Edward Cassidy, Edouard Gagnon, Camillo Ruini, Pietro Palazzini, Johannes Willebrands, Andrzej Deskur, Agnelo Rossi, Martínez Somalo, Ugo Poletti, López Rodríguez, Sebastiano Baggio, Augustin Mayer, Angelo Felici, José T. Sánchez e Paul Poupard. Significativa delegação do Colégio cardinalício e do episcopado mundial, a atestar uma vez mais a unidade eclesial e a devoção professada ao novo Beato por tantos e tão eminentes representantes das igrejas particulares.

Por último, no dia 21 de Maio, procedeu-se à trasladação dos sagrados restos mortais do Beato Josemaria Escrivá, desde a Basílica de S. Eugénio a Valle Giulia até à Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, onde o seu corpo repousa sob o altar principal, continuamente acompanhado pela oração e pelo agradecimento dos seus filhos e filhas e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus atraídas pelo exemplo e ensinamentos do Fundador do Opus Dei.

© *by* Edições LICEL,CRL, Apartado 570, 4711-915 Braga